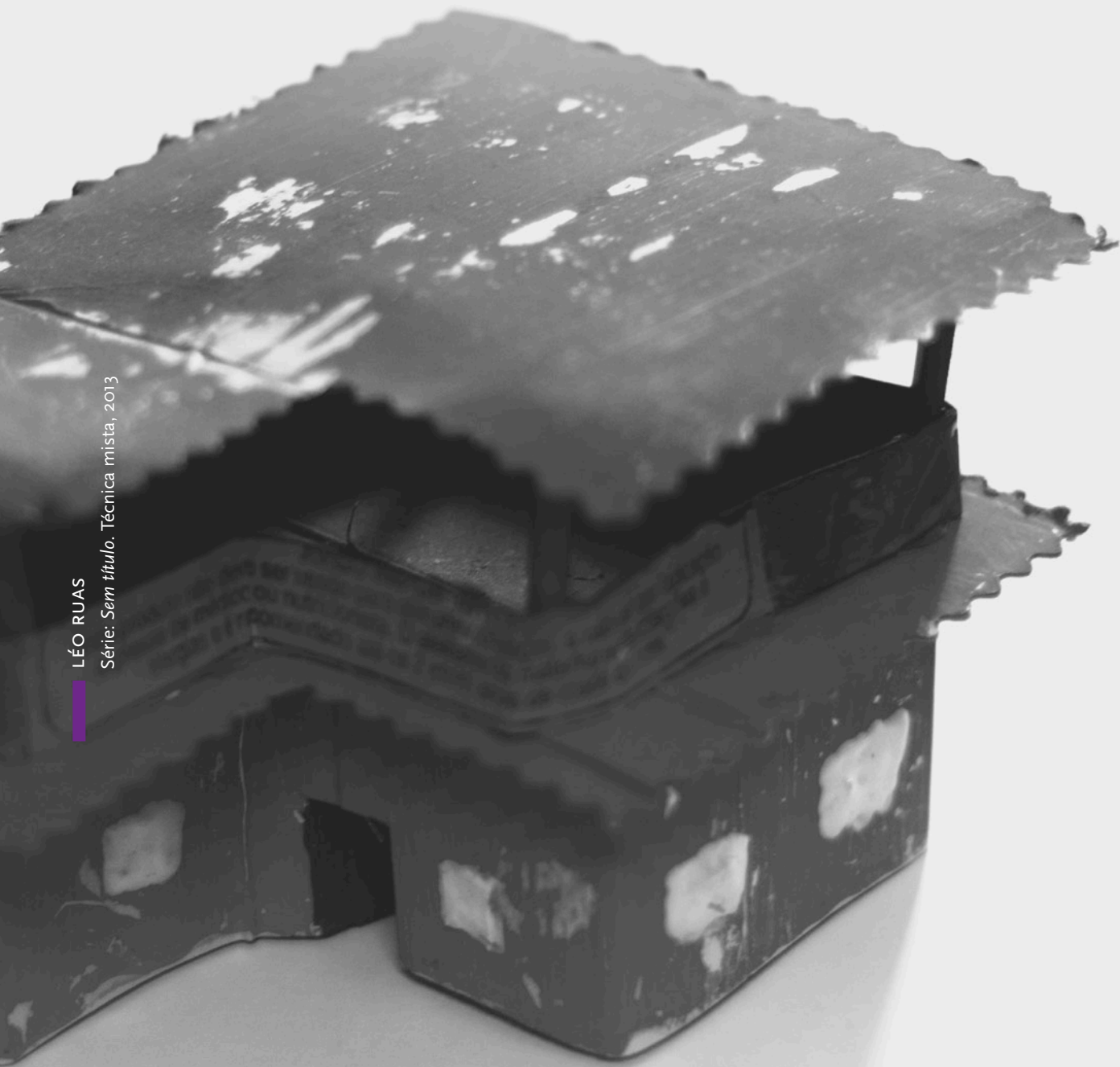


LÉO RUAS

Série: *Sem título*. Técnica mista, 2013



# 'A PEDRA NÃO PARA':

*um estudo sobre a crackolândia na cidade de Belo Horizonte/MG\**

**NAYARA A. SALGADO\*\***

**RESUMO** O objetivo da pesquisa foi refletir sobre a formação do fenômeno da *crackolândia* a partir do estudo de caso do bairro Lagoinha (Belo Horizonte/MG), região importante para a capital mineira devido a sua originalidade, antiguidade, por possuir um patrimônio cultural importante para a memória da cidade, pelas grandes intervenções urbanísticas pelas quais passou, bem como pelo processo de decadência que vivencia atualmente, com sua apropriação pelos usuários de crack. A pesquisa buscou a apreensão da realidade do lugar a partir das representações midiáticas e de seus moradores. Tais representações passam por mudanças em sua dimensão simbólica, invocam a memória do bairro histórico detentor de patrimônio cultural para a cidade e também da sua atual condição, de ter se tornado uma *crackolândia*.

**PALAVRAS-CHAVE** Cidades. Patrimônio. Crackolândia.

# 'THE STONE DOESN'T STOP':

*a study on crackland in the city of Belo Horizonte/MG*

**ABSTRACT** Reflections on the phenomenon of the crackland formation approached in the case study of Lagoinha, a neighborhood of Belo Horizonte, the capital of the State of Minas Gerais. Important for its originality, this older quarter of the city is remarkable for its cultural heritage, for the large urban interventions it has undergone, and for the process of decay it currently is going through due to the crack users' settlement. The research sought to grasp the reality of the place from media representations and reports by its residents which are changed in their symbolic dimension, invoking the memory of the historic quarter important for its cultural heritage side by side with its new condition, as Crackland.

**KEYWORDS** Cities. Heritage. Crackland.

\*Este artigo faz parte da pesquisa de conclusão do curso de Ciências Sociais da PUC Minas, intitulada *No meio do caminho tinha uma pedra. Circuitos de consumo de crack na região central de Belo Horizonte (MG), um estudo do bairro Lagoinha*, orientada por Luiz Flávio Saporì e defendida em junho de 2012.

\*\*Socióloga. E-mail: <nayaradeamorim@hotmail.com>.

A cidade pode ser pensada como uma totalidade em que suas materialidades plurais trazem referentes importantes tanto para se pensar na expansão comum às metrópoles como nos territórios específicos oriundos de cada localidade urbana. Em tal perspectiva, as cidades, assim como os bairros, “trazem as marcas de seus atores, o fluxo das interações descontínuas e das sociabilidades conflitivas” (BARREIRA, 2007, p. 166).

No estudo sobre o urbano, deve-se levar em conta como os grupos apropriam o espaço. Existem várias possibilidades de estudo para um ordenamento territorial, mas aqui o objetivo deve ser a análise das relações vividas em um determinado espaço, baseada em suas práticas, suas utilizações e ligada a uma conotação afetiva, que pode ser pronunciada em termos de atração ou de repulsa. O espaço urbano é entendido assim como expressão de linguagem e de comunicação social, estando intimamente associado ao imaginário social (GONÇALVES, 1988).

Segundo Barreira (2007), as reflexões sobre a vida urbana contemporânea pressupõem uma observação atenta aos processos políticos, sociais e culturais dos lugares apropriados. Tal perspectiva analítica deve levar em conta as narrativas sobre os espaços urbanos, que informam sobre as categorizações e reconhecimento do local.

Assim, o objetivo deste artigo é refletir sobre a formação do fenômeno da *cracolândia* a partir do estudo de caso do bairro Lagoinha em Belo Horizonte (MG). Região importante para a capital mineira devido a sua antiguidade, por possuir um patrimônio cultural importante para a memória da cidade, pelas grandes intervenções urbanísticas pelas quais passou, bem como pelo processo de decadência que vivenciou e que culmina atualmente com sua apropriação pelos usuários de crack.

Para a realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa qualitativa em que foram realizadas entrevistas com moradores, comerciantes e frequentadores do bairro. Os trabalhos de campo aconteceram de agosto de 2011 a maio de 2012. As delimitações das unidades significativas para observação e análise do bairro Lagoinha se basearam no conceito de “circuitos”, elaborado por Magnani (2005), que apresentou

possibilidade de abrangência e permissão para a construção de totalidades analíticas consistentes e coerentes com o objeto de análise. Tal perspectiva foi utilizada no estudo de Raupp e Adorno (2011) sobre o uso de crack na cidade de São Paulo.

Início a discussão com a história do surgimento do crack, uma reflexão teórica sobre o conceito de *cracolândia*, o contexto de expansão da droga pelo Brasil e sua chegada à cidade de Belo Horizonte. Logo após uma análise sócio-histórica do bairro Lagoinha, alguns dados obtidos com a pesquisa de campo realizada, buscando compreender as configurações e as percepções dos moradores e frequentadores do bairro em questão sobre a *cracolândia*.

## *O advento do crack: uma pedra nada preciosa*

No início da década de 1980, dependentes da cocaína descobriram uma forma de potencializar seus efeitos, tornando-os mais intensos, embora de menor duração. Estudos apontam o aparecimento do crack no contexto da política proibicionista antidrogas, como resultado das sanções do Estado norte-americano ao comércio de produtos utilizados na produção de cocaína e intensificação da repressão aos laboratórios de refino (DOMANICO, 2006). Assim, a nova droga surge entre setores carentes da população negra e latina das áreas centrais de Nova York, Los Angeles e Miami, trazendo consigo uma nova forma de produção e distribuição, de maior facilidade e baixo custo.

O crack se espalhou pelo mundo de forma rápida. No Brasil, sua chegada foi só questão de tempo, sua expansão pelo território nacional ao longo dos anos 1990 aconteceu em razão da combinação de preço baixo, disponibilidade crescente e efeito potente (RAUPP; ADORNO, 2011; DOMANICO, 2006; UCHÔA, 1996). Os estudos sobre a entrada do crack no Brasil têm algumas divergências.

Raupp e Adorno (2011) afirmam que o crack surgiu no Brasil em meados da década de 1980. Segundo esses autores, as primeiras informações sobre a droga circularam em jornais e revistas com base em dados policiais, situando suas primeiras aparições no estado de São Paulo, principalmente em pontos de venda de drogas da

periferia da capital. A partir de 1991 já era consumido explicitamente nas ruas da região central de São Paulo, principalmente na região da Luz, disseminando nacionalmente o termo e a “fama” da *cracolândia*.

Segundo Domanico (2006), relatos de usuários em São Paulo apontam para o surgimento da droga no ano de 1987; já os relatórios elaborados pelo Departamento de Narcóticos da Polícia Civil de São Paulo (DENARC) só começam a notificá-lo no ano de 1989. Essa desconexão se dá pois os usuários normalmente travam contato com novas substâncias ilícitas antes de ocorrerem as primeiras apreensões policiais.

Uchôa (1996) reafirma a dúvida sobre “quem atirou a primeira pedra” na cidade:

Mas o ano de 1988 prometia. Naquele ano, eram as primeiras cenas dos viciados em pedras nas ruas. A palavra aportuguesada passava a integrar o vocabulário de médicos, policiais e especialistas. A droga do “apocalipse americano”, ninguém sabe como, estava na periferia da cidade na cadência das buzinas e do corre-corre. [...] Quem ensinou aos “nossos brasileiros” o know-how do cachimbo improvisado? É a segunda pergunta sem resposta no mistério sobre o “pai do crack em São Paulo”. Em todo caso, aprenderam bem a lição. (UCHÔA, 1996, p. 30)

O modo de utilização do crack é rudimentar, os cachimbos são improvisados a partir de potes de iogurte, latinhas de refrigerante e mais um tubo, que pode ser feito de antena de carro ou tubo de caneta, por exemplo. Dentro dele são colocadas cinzas de cigarro e sob as cinzas colocam-se as pedras de crack, que são acesas. A fumaça é tragada através do tubo e então se chega ao “barato” desejado. Quando em contato com o fogo, os pequenos cristais estalam, por isso receberam o nome de crack, que vem do verbo quebrar da língua inglesa.

No Brasil a droga se popularizou e a “fumaça” se espalhou em curto prazo. Segundo o Levantamento Nacional de Álcool e Drogas – Lenad.<sup>2</sup> de 2012, no Brasil, aqueles que consumiram crack chegam a um milhão de pessoas. A droga que chegou inicialmente em grandes capitais já traz problemas até mesmo nas cidades interioranas. De acordo com pesquisa realizada em mais de 3.900 municípios no ano de 2010 pela Confederação Nacional de Municípios – CNM,<sup>3</sup> o resultado foi alarmante, pois o consumo do crack foi um problema citado por 90,7% dos municípios pesquisados. Os gestores avaliaram o nível de consumo do crack em seus municípios, que foram tidos como baixo em 1.135 cidades (28,1%), médio em 1.809

2. Fonte: *site* do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas do Álcool e Outras Drogas.

3. Fonte: *site* da Confederação Nacional de Municípios.



(44,7%) e alto em 1.078 (26,7%); números que indicam que o problema do uso de crack se tornou um caso de saúde pública.

## *Crack: a mística da miséria*

**N**a contemporaneidade, o abuso de algumas substâncias psicoativas tem adquirido dimensões preocupantes. Com o surgimento do crack, esse quadro é agravado devido ao aumento dos danos sociais e da saúde dos usuários. Tal droga foi, ao longo do tempo, associada à situação de miséria e de marginalização, conhecida como a “droga das ruas”. “O crack representa uma mística da miséria; se a cocaína simboliza o luxo dos ricos e vencedores, a base bicabornatada de coca simboliza o ‘luxo dos miseráveis’” (SILVA, 2000, p. 15).

O crack tem qualidades intrinsecamente destrutivas, desestrutura a personalidade e cria forte dependência em pouco tempo, processo que conduz o usuário, na maioria das vezes, à degradação física e social. Os usuários de crack passam também por problemas que vão além daqueles de ordem biológica e psicológica. É muito comum que ocorra a perda dos vínculos familiares e sociais dos usuários, os quais, por falta de alternativa no mercado formal, são levados a optar por um estilo de vida marginalizado. Para sobreviver, acabam se inserindo em trabalhos informais ou “bicos”. Alguns desses usuários acabam se associando ao comércio de drogas e ao crime não só para suprir necessidades básicas de sobrevivência, como também para a manutenção de seu uso.

Vem à tona o incômodo social provocado pela caracterização de sujeitos desqualificados socialmente, associados a espaços territoriais de uso e abuso de drogas, as chamadas *cracolândias*

Em pesquisa sobre os usuários de crack, Saporì, Sena e Silva (2010, p. 72) afirmam que o cliente do crack é considerado um consumidor compulsivo, “um usuário que se imobiliza e aos poucos vai se tornando um ‘noinha’, um mendigo que fica lá nos becos ou casinhas.” Ainda de acordo com esses autores, a rentabilidade do consumidor do crack para a rede não está relacionada às extensões advindas das redes de relacionamento dos usuários, mas a sua grande demanda caracterizada pelo consumo rápido.

## *O território onde os ‘noias’ se encontram: o fenômeno da ‘cracolândia’*

Pelo imediatismo do uso do crack, que costuma acontecer próximo ao local da compra da droga, as possibilidades da circulação do usuário são reduzidas. Com o uso do crack nas cidades constituindo-se como um fenômeno social que extrapola a individualidade do sujeito e ocupando o espaço urbano, vem à tona o incômodo social provocado pela caracterização de sujeitos desqualificados socialmente,

associados a espaços territoriais de uso e abuso de drogas, as chamadas *cracolândias* (RUI, 2012), que neste trabalho merecem atenção analítica.

Esse termo tem nomeado os cenários de crack em várias cidades brasileiras. De acordo com Rui (2012), crack e *cracolândia* têm se tornado sinônimos, pois “onde há usuários de crack, brotam ‘*cracolândias*’ – o que parece denotar a construção de um espaço-sede imaginário, edificado a partir daquilo que se fala sobre ela; trata-se, pois, de um lugar social e também de um lugar discursivo” (RUI, 2012, p. 197). Busca-se aqui uma reflexão sobre o que os estudiosos, os usuários de crack, as autoridades policiais, os profissionais de saúde, a mídia e a população em geral convencionalmente chamam de *cracolândia*.

Segundo um mapeamento realizado,<sup>4</sup> o Brasil tem pelo menos 29 grandes *cracolândias* distribuídas em 17 de suas capitais, sendo que em nove dessas cidades tais pontos estão concentrados em áreas centrais. A região Sudeste se destaca por concentrar as maiores, que se espalham por São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Uchôa (1996) ao pesquisar o uso do crack nos Estados Unidos identifica uma forma peculiar de uso coletivo da droga no país, que tem algumas configurações que se aproximam das *cracolândias*, as “*crack houses*” ou “*rock houses*”.

A polícia faz de tudo para acabar com a tradição americana de fumar crack em locais criados especificamente para ele e para a heroína: as *crack houses* ou *rock houses*, locais onde o viciado compra a droga e se instala em quartos para “seus embalos”. Essa modalidade já se espalhou pelo país, chegando às áreas rurais. Esses espaços são comparados a bares comuns, onde as pessoas vão para “manter contatos sociais”, ou seja, fumar e se prostituir, transar, “fazer dinheiro para comprar a droga”. Algumas pessoas ficam de três a quatro dias em cubículos fumando direto, sem parar.

As *crack houses* geralmente empregam um cozinheiro para converter a pasta-base em pedra, um gerente que recebe o dinheiro, um leão-de-chácara e vários vigilantes que ficam à espreita da polícia. Esses vigilantes são geralmente adolescentes que se viciam na droga por serem “curiosos feito gatos”. Essas casas especializadas para o consumo de crack e heroína ganharam força nos Estados Unidos a partir de 1985. Quando descobertas, os policiais encontram um cenário de horror. Mulheres magras, homens doentes, trêmulos, com cachimbos e pedras nas mãos. Quartos escuros e abafados onde as pessoas se prostituem por qualquer quantia. Cenário de horror que continua principalmente nos bairros pobres. (UCHÔA, 1996, p. 28)

4. Mapeamento realizado pela Secretaria Nacional Antidrogas em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). *Jornal Estadão*, São Paulo, 10 fev. 2011.



Segundo Park (1987), as pessoas tendem a distribuir-se no espaço de acordo com seus interesses, formando as “regiões morais”. No caso dos “noias”, os usuários de crack que rompem os laços sociais encontram nas *cracolândias* indivíduos com o mesmo estigma, o que possibilita novas formas de sociabilidades. Esses indivíduos encontram nesses lugares meios de identificação, acolhimento, visibilidade, interação social e proteção, além de acesso fácil e com menos risco à substância (MEDEIROS, 2010).

Medeiros (2010) faz uma reflexão sobre a criação de espaços específicos para o uso de drogas e utiliza o conceito de “territórios urbanos das drogas” para denominá-los. A *cracolândia* seria um local cronificado por indivíduos como o lugar de uso do crack. O processo de cronificação territorial pode ser traduzido como procedimento de demarcação de determinados espaços pela incapacidade de controle, devendo, portanto, ser etiquetado e separado dos demais para não ser confundido.

Já Fernandes e Pinto (2004) realizam um estudo dos territórios psicóticos em Portugal, que são descritos como locais sedutores de indivíduos que têm interesses em torno das drogas, com comportamentos orientados para aspectos instrumentais ligados a um estilo de vida em que as drogas possuem papel importante.

Frugoli Jr. e Spaggiari

(2010), em estudo sobre o bairro da Luz em São

Paulo, partem da observação etnográfica das redes de relações e conexões do local e propõem o entendimento da *cracolândia* como uma modalidade de territorialidade itinerante dentro de um contexto multifacetado e marcado por inúmeras variações situacionais. Tal conceito consegue apreender a dinâmica da *cracolândia*, pois esse território está sujeito a mudanças que podem estar relacionadas, por exemplo, ao local da venda da droga, ao policiamento local ou também como acontece na cidade Belo Horizonte por obras de intervenções viárias.

O Brasil tem pelo menos 29 grandes *cracolândias* distribuídas em 17 de suas capitais, sendo que em nove dessas cidades tais pontos estão concentrados em áreas centrais

Ainda para Frúgoli Jr. e Spaggiari (2010), a *cracolândia* é um “campo de relações”, pois se tornou referência de lugar da degradação e criminalidade urbanas pela presença dos atores sociais excluídos, associados simbolicamente a uma série de estigmas como sujeira, perigo, ameaça, drogas, encrência, vergonha; o que também gerou uma série de ações envolvidas tanto na repressão quanto na mediação (RUI, 2012).

Mesmo sendo entendido por sua característica de mobilidade, o “território itinerante” é passível de ser mapeado, suas fronteiras podem ser identificadas. De acordo com Feltran (2008), a categoria fronteira denota separação ao mesmo tempo que preserva a possibilidade de fluxos, controlados, entre as parcelas separadas. As fronteiras se estabelecem justamente para regular os canais de contato existentes entre grupos sociais, separados por elas, mas que obrigatoriamente se relacionam; e, se há fronteira, é justamente para controlar a comunicação entre as partes. Buscou-se assim estudar suas conexões, fluxos e tensões mais frequentes, os interesses e significados em disputa e os atores que as controlam.

## *Horizontes do crack: a droga na capital mineira*

Segundo Sapori, Sena e Silva (2010), o tráfico de drogas na capital mineira era composto, até por volta do ano de 1995, pela venda de maconha e cocaína, e, a partir desse ano, em que data a entrada do crack na cidade, ocorre uma alteração nesse mercado. O crack que chega a Belo Horizonte era vindo de São Paulo e começou a ser comercializado pela quadrilha chefiada pela família Peixoto na Pedreira Prado Lopes, a mais antiga favela da cidade. Com o tempo o processo de produção e venda da droga passou a ser localizado no próprio estado e o mercado consumidor se propagou para outras localidades.

Esses pesquisadores apontam um fenômeno muito peculiar na capital mineira e relacionam o processo de entrada e disseminação do comércio e uso do crack com o recrudescimento dos homicídios em Belo Horizonte, particularmente no período de 1997 a 2004, momento em que se deu a consolidação do tráfico do crack na cidade (SAPORI; SENA; SILVA, 2010).

A droga chegou rapidamente ao bairro Lagoinha, pelas proximidades das “bocas de fumo”, compondo um local de aglomeração dos “noias” e esse novo uso do espaço influenciou uma mudança nas sociabilidades entre seus atores sociais. As pesquisas apontam um aumento da criminalidade nessa região durante esse período e têm a disseminação do tráfico de crack como fator determinante para tal cenário.

Os Consultórios de Rua, programa da Prefeitura de Belo Horizonte para recuperar dependentes, que segundo dados já atenderam na região Noroeste da capital, onde se localizam o Complexo da Lagoinha e a Pedreira Prado Lopes, cerca de 3.960 pessoas em 15 meses,<sup>5</sup> o que indica o grande número de pessoas em situação de uso de drogas nessa região da cidade.

5. Dados divulgados no Portal Band, em 20/09/2012.

## *O bairro Lagoinha em Belo Horizonte, 'crônica de uma morte anunciada'?*

A cidade de Belo Horizonte foi planejada para abrigar a nova capital do Estado de Minas Gerais, em substituição à colonial Ouro Preto. A inspiração para a lógica de construção aplicada foram as experiências modernas de planejamento urbano que vigoravam na Europa da época, como a da Paris haussmaniana<sup>6</sup> (1853-1870).

6. George-Eugene, Barão de Haussmann, nomeado prefeito por Napoleão III, em 1853 fez intervenções na cidade de Paris transformando-a em uma metrópole moderna.

O bairro Lagoinha nas-

ceu junto da capital Belo Horizonte e no traçado original da cidade está localizado na área suburbana, fora

dos limites da Avenida 17 de dezembro, a atual Avenida do Contorno, que circundava a área urbana. Tal bairro, juntamente com Bonfim, São Cristóvão e a Pedreira Prado Lopes, formavam a parte da 6ª Seção Suburbana de acordo com a Planta Geral da

O tráfico de drogas na capital mineira era composto, até por volta do ano de 1995, pela venda de maconha e cocaína e, a partir desse ano, em que data a entrada do crack na cidade, ocorre uma alteração nesse mercado



Cidade de Minas. Nascido de uma pedreira e das glebas agrícolas, o bairro emergiu para “fazer nascer a bela cidade” (LEMONS, 1996, p. 157). O bairro foi designado Lagoinha devido ao córrego de mesmo nome que havia em seu território e a região recebeu as primeiras ocupações antes da inauguração da cidade, em dezembro de 1897 (MACHADO; PEREIRA, 1997).

A ocupação do bairro estudado ocorreu de forma desorganizada, com ruas tortuosas que destoavam da ordem estabelecida no centro da cidade, embora esteja em uma área contígua à área urbana. Chegaram nessa época os operários que vinham em busca de emprego na construção da nova capital, vindos de todo o estado de Minas e também imigrantes italianos, portugueses e alemães. A proximidade do bairro com

o centro e com a linha de trem fez com que um expressivo número de pessoas se alojasse nas pensões das redondezas e, na medida em que a cidade crescia, formou-se no Lagoinha uma área boêmia, dotada de muitos bares e de uma vida noturna bastante agitada (MACHADO; PEREIRA, 1997).

Com isso o bairro Lagoinha, desde as suas primeiras décadas, foi cenário de uma diversidade social e cultural significativa, traços que ficaram marcados no imaginário da população e na história de Belo Horizonte. Essa efervescência cultural, proporcionada pelo encontro e pela miscigenação de culturas e valores diferentes, para Moraes e Goulart (2002) também se mostrou no desenvolvimento de serviços tradicionais especializados, baseados em técnicas artesanais e manuais, como, por exemplo, oficina de *luthier*, sapateiros, alfaiates, entre outros.

Lemos (1996, p. 45) afirma que o bairro é marcado pela ideia de um “passado feliz”. Em um estudo sobre a história do bairro, a autora destaca o Clube Fluminense, o Campo de Futebol Pitangui e o bloco carnavalesco do Leão da Lagoinha como seus principais pontos de lazer e recreação em suas primeiras décadas de existência. Outro traço importante foi o forte caráter religioso do lugar, marcado pelas procissões, as festas da Santa Padroeira, celebrações de casamentos e missas e também os ritos fúnebres. Assim, tal autora afirma que, “Ao som da banda, no seio das festas juninas e do reisado, sob as bênçãos de Nossa Senhora da Conceição, nasceu no bairro uma estrutura de sentimento que oscilava entre a inocência do campo e o vício da cidade” (LEMONS, 1996, p. 45).

Freire (2009) afirma que em 1950 o Lagoinha aparece como espaço da boemia da cidade, tendo como ponto principal a Praça Vaz de Melo, passando a ser conhecido como a “Lapa Mineira”, pois existiam casas de prostituição, muitos bares, restaurantes, cinemas, clubes de dança que eram pontos tradicionais de encontro de boêmios e artistas, cenário que correspondia à Lapa no Rio de Janeiro. A autora afirma também

O bairro Lagoinha, desde as suas primeiras décadas, foi cenário de uma diversidade social e cultural significativa, traços que ficaram marcados no imaginário da população e na história de Belo Horizonte

que “nessa época o Lagoinha despontou como zona boêmia em substituição ao chamado ‘quadrilátero da zona’ – Rua Guaicurus, Caetés, Curitiba e Avenida Oiapoque” –, localizado no centro de Belo Horizonte (FREIRE, 2009, p. 44).

Em um estudo sobre a territorialidade da prostituição em Belo Horizonte, Andrade e Teixeira (2004) afirmam que, semelhantemente à zona do centro, o Lagoinha e o bairro vizinho, o Bonfim, atraíram em seus tempos áureos, grande diversidade de pessoas, pois havia cabarés para todos os níveis sociais. Atualmente ainda existem casas de prostituição nesses bairros, mas sem a centralidade e expressividade que já exerceram noutros tempos.

Assim, o período áureo de boemia da região do bairro Lagoinha foi durante as décadas de 1950 e 1960; já a partir dos anos de 1970 inicia-se um processo de decadência, que tem em 1981 sua acentuação, marcada pela demolição da Praça Vaz de Melo, assim como outras intervenções urbanísticas no bairro (ANDRADE; TEIXEIRA, 2004).

O bairro em questão teve ambiências interioranas até a década de 1980, segundo Lemos (1996), e seu quadro urbanístico apresentava uma realidade diferente da que hoje conhecemos. A vida no lugar era fortemente pontuada pelo bucolismo e pela sociabilidade. Os traços religiosos e folclóricos eram compartilhados por todos os grupos, sendo que as famílias conformavam estreitos laços de boa vizinhança. Ainda para tal autora, “a Lagoinha nos anos oitenta não é mais a mesma, as pedras soterradas no lugar foram e ainda estão sendo retiradas uma a uma” (LEMOS, 1996, p. 136).

Desde a década de 1940 o Lagoinha teve várias áreas demolidas. De acordo com Moraes e Goulart (2002), as transformações foram iniciadas com a abertura de duas vias de função estrutural para a cidade, que são as avenidas Dom Pedro II e a Presidente Antônio Carlos, assim como a implantação de um bairro popular nas suas proximidades, o Conjunto Habitacional IAPI, construído na área do atual bairro São Cristóvão. O bairro foi assim seccionado e surgiram novos tipos de uso no lugar, próprios de áreas de passagem e de muito tráfego.

Marcantes também foram as intervenções de grande porte que ocorreram no Lagoinha durante os anos 1970, em que foi construído o Terminal Rodoviário e o túnel Presidente Tancredo Neves, que permanecera em obras por mais de vinte

anos, sendo inaugurado somente em 1971. Já na década de 1980, o bairro foi palco da construção de viadutos, denominados “Complexo Viário da Lagoinha”, que gerou várias demolições em sua área. Em 1986 o trem metropolitano entrou em operação, com uma estação nos limites do bairro com o centro. Com essas obras, tem-se um processo de descaracterização do bairro. Machado e Pereira (1997, p. 38) afirmam que “alguns setores da imprensa se encarregaram de anunciar o que chamavam de ‘a decadência da Lagoinha’, pois ‘A Lagoinha está morrendo’, a Lagoinha é ‘um bairro fantasma’, ou ‘vamos salvar a Lagoinha’”.

Em 1990 o bairro passou por um projeto de reabilitação urbana, mas que não alcançou as metas previstas e além dos impactos perversos gerados levou ainda à descrença dos moradores do bairro com relação ao poder público municipal. Assim, Freire (2009, p. 45) afirma que, “a cada nova legislação municipal, a Lagoinha perde uma porção de seu território”. O local ainda passa por intervenções atualmente, pois Belo Horizonte foi uma das cidades palco da Copa das Confederações de 2013 e será da Copa do Mundo FIFA 2014.

Para Machado e Pereira (1997), constata-se a existência de um bairro múltiplo, heterogêneo, que apreendido nas suas contradições vai conformando a sua trajetória histórica. Segundo estas autoras: “Tais contradições se configuram interna e externamente ao bairro, ou seja, nas relações bairro/cidade. E podem ser percebidas por parte de seus moradores, dos habitantes da cidade como um todo, de estudiosos e jornalistas” (p. 41).

As pesquisas sobre a história do bairro mostram a coexistência de várias características diferentes, seja o Lagoinha da boemia, da vida bucólica, das atividades religiosas, dos antiquários, dos ambulantes, entre outras. Assim como outros bairros pericentrais da cidade, como por exemplo Floresta, Santa Tereza e Bonfim, o Lagoinha representou e ainda representa um importante papel na história da cidade de Belo Horizonte, pois também possui uma cultura própria, um modo de vida peculiar, uma tradição cultural que faz parte do imaginário da cidade.

A condição de liminaridade do bairro sempre esteve presente em sua história. Para o antropólogo Vitor Turner os atributos de liminaridade são necessariamente ambíguos, uma vez que essa condição faz com que se furtem ou escapem “à rede de classificações que normalmente determinam a localização de estados e posições



num espaço cultural” (TURNER, 1969, p. 117). O conceito sugere a ideia de transição, de um intervalo entre o encerramento de uma situação e o início de outra.

A noite e o dia, o conservadorismo religioso e a boemia laica, os permanentes e os temporários, todos os enfrentamentos que se fazem presentes no cotidiano do bairro compõem a identidade local e situam o bairro Lagoinha nesse espaço liminar. Nas suas passagens, múltiplas fronteiras separam as épocas, os grupos e as práticas e o que prevalece são as trocas entre memórias diversas, relacionadas a diferentes tempos. Como descreve Lemos (1996, p. 136), observando os cenários do bairro, “encontra-se uma polifonia, em que convivem ‘velhas pedras’, renovadas ou não, e espaços refigurados, ligados às novas apropriações”, como pelos moradores de rua e usuários de drogas. As características ambíguas do local em questão se mostraram como o ponto inicial da análise de tal espaço urbano.

A vida no Lagoinha é representada pelo ritmo dos movimentos dos moradores antigos que circulam pelo bairro e de suas histórias, das pessoas que trabalham ali, dos transeuntes que vão para o centro, o mercado, a arquitetura, o frenesi da vida urbana, tudo isso compõe a vida local. O bairro torna-se um filtro da memória da cidade, seus cenários podem ser adotados como uma lente ótica através da qual poderão ser captados fragmentos de imagens belo-horizontinas (LEMO, 1996).

De acordo com Machado e Pereira (1997), o Lagoinha, mesmo passando por tantos processos conflituosos, como por exemplo as perdas territoriais, o desleixo com seu patrimônio e o aumento da violência, jamais se constituiu como um “bairro fantasma” ou esteve agonizante, como fizeram crer certos comentários sobre ele. Mas é inegável seu estado de deterioração.

O bairro Lagoinha teve sua importância histórica reconhecida pela Lei de Parcelamento, Ocupação e Uso do Solo que trata o lugar como área de importância cultural e econômica para a cidade, garantindo ao bairro proteção como patrimônio cultural, com a preservação de sua paisagem urbana (FREIRE, 2009). Para a proteção do patrimônio foi criada uma Área de Diretrizes Especiais (ADE), que se constitui como instrumento de preservação de áreas referenciais para a população, que mereçam legislação específica. No caso do Lagoinha, o objetivo seria, por exemplo, definir o perímetro de tombamento do conjunto urbano, indicação de subáreas para tratamento urbano diferenciado e requalificação dos imóveis degradados;



7. Fonte: site da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

como também a proposição de medidas de incentivo e/ou flexibilização de parâmetros urbanísticos que contribuam para requalificação urbana, entre outros.<sup>7</sup>

No entanto, a ADE Lagoinha ainda não foi regulamentada e não prevê nenhuma política de proteção para o bairro. O cenário que apresenta atualmente demonstra que o local passa ainda por processos que continuam a alterar seu espaço físico e patrimonial sem preservá-lo. De acordo com Freire (2009), embora tenham existido algumas iniciativas, essas não supriram as carências do bairro e não deram conta do peso histórico que lhe é atribuído.

Os casarões abandonados, os espaços de casas demolidas, as ruas, praças, construções, lotes vagos, debaixo dos viadutos, todo o espaço do bairro tem sido apropriado por práticas de tráfico e consumo de crack

## *O bairro Lagoinha na atualidade: da tradição e boemia à degradação e sucataria*

Atualmente o local historicamente relevante vivencia as ruínas causadas pelo tempo. Foram observadas no bairro várias casas antigas em mau estado de preservação, várias são reformadas e descaracterizadas, além de edificações fechadas sem função social. São observadas cenas de um processo de empobrecimento e de ruína das edificações urbanas que remetem a uma ideia de carência e abandono. No lugar de casas antigas que são demolidas, são construídos galpões de grande porte. Nos quarteirões próximos à Praça Vaz de Melo, há galpões que recebem todo tipo de matéria de segunda mão, principalmente a mercadoria conhecida como “ferro-velho”, o que contribui para a deterioração dos espaços do bairro. Com isso o bairro fica dotado de uma subutilização que, para Lemos (1996), transforma o local em um amplo setor de “depósito do centro” da cidade e dificulta a deflagração de um processo de dinamização econômica e recuperação urbana.

O Lagoinha se tornou, atualmente, alvo de atribuições negativas, pela população da cidade e pela mídia. A imprensa que retratou o bairro como o lugar da boemia, dos antiquários, da arquitetura, das obras para o complexo viário, hoje tem novo enfoque, pois o destaque tem sido a violência e o uso de drogas em seu território, que vem crescendo e, com isso, passando a caracterizar o bairro no imaginário da cidade.

Sob os vestígios do mundo da boemia que não volta mais, encontra-se hoje o mendigo, o “dono do pedaço” (LEMOS, 1996). É bastante expressiva a população em situação de rua e usuários de crack encontrada no Lagoinha. Os casarões abandonados, os espaços de casas demolidas, as ruas, praças, construções, lotes vagos, debaixo dos viadutos, todo o espaço do bairro tem sido apropriado por práticas de tráfico e consumo de crack.

Os meios de comunicação são fundamentais para a formação da opinião pública. Muitas reportagens se referem ao Lagoinha como *cracolândia* de Belo Horizonte, o que reforça no imaginário da cidade a imagem de um lugar decadente tomado pela criminalidade e uso de drogas. Algumas delas são apresentadas a seguir, como indicadoras do cenário do bairro.

**Crack no caminho da avenida.** Escombros nos canteiros de obras da Antônio Carlos se transformam numa nova *cracolândia*. (*Hoje em Dia*, 4 set. 2009).

**Cracking BH – principais pontos do tráfico de crack na Lagoinha.** O tráfico de crack e suas implicações na comunidade. O crack está tomando conta da região da Lagoinha em Belo Horizonte. (*Jornalismo Online UniBh*, 20 set. 2010)

**Lagoinha: um bairro tomado pelo Crack.** Não existe hora ou lugar para o consumo e a venda da pedra e a presença tímida da polícia parece não intimidar os viciados. (*Jornal da Alterosa*, 20 set. 2011)

**Complexo da Lagoinha reúne usuários de drogas e se transforma na nova *cracolândia* de BH.** Prostituição, uso e venda de drogas, furtos, roubos, marginalidade, trânsito conturbado, com sinalização falha e imóveis depreciados. (*Portal Band*, 20 set. 2012)

O bairro Lagoinha apresentou-se assim como um ambiente degradado. Carneiro (2012) afirma que a desordem física, como a presença de lixo nas ruas, prédios abandonados, pichações, carros abandonados etc., e social, como a venda de produtos ilegais, consumo de drogas, prostituição, ocupação ilegal de áreas públicas etc. compõem um tema de estudo relevante, pois gera impactos negativos para a



cidade, além de se constituir como um problema para seus habitantes e para o poder público. A existência de desordem física e social nas cidades ocasiona situações negativas, por exemplo, o retraimento da atratividade turística, o abandono dos espaços públicos e a desvalorização imobiliária.

## *Cenas urbanas. O caminho das pedras: circuitos de uso do crack*

Chegando ao bairro pela estação do metrô, avistam-se mendigos, catadores de papel e usuários de drogas perambulando, debaixo dos viadutos, em meio ao lixo e casas improvisadas. Seus barracos improvisados, roupas, cobertores, alguns cercam provisoriamente os cantos com lonas, papelões, tecidos, formando lugares de privacidade. Ao andar pelo bairro, muitos moradores de rua dormindo nas calçadas, muitos pedintes, inclusive durante entrevistas aos comerciantes era comum sermos interrompidos por eles. A presença desses novos personagens transformou a paisagem urbana em um espaço de tal maneira peculiar que nem as intervenções da prefeitura, nem a violência policial conseguiram abafar.

Em uma visita ao bairro durante um final de semana, em entrevista com uma moradora, pergunto a ela o que é um ponto de drogas e se existem pontos de droga no bairro. Ela respondeu com um convite: “Quer que eu te mostre? Aqui bem pertinho tem”. Fomos, então, caminhar pelo bairro. Deparamo-nos com usuários de crack, preparando a pedra para uso, outros sozinhos encostados nos muros, na porta das casas; a entrevistada apontou que eles estavam consumindo a droga.

A cena urbana era composta por mulheres e homens de todas as idades, com cachimbos, conversando, encostados nos muros. Avistamos dois homens parados, no meio da rua, um deles coloca uma blusa preta sob os braços e acende o cachimbo, ela mostra que ele “tá fumando pedra”. Há alguns comércios, como lojas de peça para carros e bares. Muitas pessoas, entrando e saindo do beco que dá acesso ao Buraco Quente – uma favela que faz divisa com o bairro Lagoinha – e pessoas sentadas logo na entrada, que, segundo a entrevistada, são “olheiros” da boca.

Por todo o caminho, principalmente próximo à entrada do Buraco Quente, avistamos pessoas desorientadas, comprando e saindo da “boca”, procurando no

lixo material para improvisar o cachimbo. A entrevistada relatou casos de mães e familiares que tiveram que buscar os filhos nas bocas de fumo. Segundo ela, a violência do bairro se deve à presença das drogas, do crack especificamente, pois “faz as pessoas ficarem igual zumbis. À noite principalmente, durante o dia estão dormindo, mas à noite, ficam perambulando, gritando, brigando, até na porta da casa da gente e incomodam, nem deixam a gente dormir”. Ao nos despedirmos ela avisa para que eu tome cuidado ao andar pelo bairro, principalmente porque os “noias já estavam para acordar, quanto mais tarde, pior.”

Os entrevistados que residem no bairro em sua maioria afirmaram que gostam de morar no Lagoinha, apesar dos problemas que vivencia atualmente. Quando indagados sobre a possibilidade de se mudarem do bairro, em geral os entrevistados não demonstraram esse desejo, justificando que já se acostumaram com a dinâmica do lugar. Foram muitos os relatos sobre o passado do bairro, descrito como mais tranquilo, com festas, rodas de sambas, bares e com espaços públicos ocupados frequentados pelos moradores e crianças. Sobre as ações do poder público no bairro, os entrevistados afirmaram que o Lagoinha foi esquecido, não se têm intervenções para melhoria do bairro e apontaram que as ações realizadas nas proximidades são em função das mudanças viárias da cidade.

**Por todo o caminho, principalmente próximo à entrada do Buraco Quente, avistamos pessoas desorientadas, comprando e saindo da 'boca', procurando no lixo material para improvisar o cachimbo**

Sobre o perfil dos usuários de crack da região, as entrevistas e a observação apontaram que a maioria se trata de população com alto grau de vulnerabilidade, casos extremos de mendicância. Em uma visita ao bairro, deparei com um grupo de cinco meninos, todos por volta de 12 anos de idade, dividindo um cachimbo. “É gente de todas as idades, sexo, classe social. Já vi rico vindo aqui e trocando o tênis por pedra de crack e saindo descalço. À noite tem muito ‘carro chique’ que para aí pra comprar droga”, conta uma moradora.

As narrativas dos moradores, comerciantes e frequentadores do bairro apontaram para a ocupação do bairro pelos usuários de crack, os “noias”, que são associados pelos

entrevistados a imagens de sujeira, perigo, ameaça, delinquência, vagabundagem e chamados de “zumbis”. Foram comuns nas falas dos entrevistados, explicações sobre o crack associadas a imagens mistificadas, associando-o a forças malignas, como o comerciante a seguir relata.

Vou te dizer uma coisa que você vai guardar para o resto da vida. Eu entendo do mundo material, mas também do mundo imaterial porque sou espírita. Essa droga aí foi trazida na terra porque com esse tanto de igreja sendo aberta, o mal estava perdendo. Então os chefes do mal se reuniram e usaram aquilo que é um problema que o homem perde a cabeça. É o vício. Meu pai era viciado no jogo e perdeu tudo, tenho um amigo alcoólatra que abandonou a família e também perdeu tudo. O crack consegue ser pior ainda, porque é a droga mais viciante. É o próprio mal. (Augusto, 60 anos, morador e dono de antiquário do bairro)

A principal mudança do bairro na última década, segundo os moradores entrevistados, foi o aumento da criminalidade; indicaram a disseminação do uso do crack como fator determinante para tal cenário, que ocorreu após o ano de 1995, data da entrada do crack na cidade de Belo Horizonte.

Foi na década de 1990, depois de 1995 que começa a espalhar esse tanto de droga. Antigamente se via crime de boteco, homem machucado com caco de vidro de garrafa de bebida. Um crime mais boêmio. Depois dessa droga tem muito assalto, tudo mais violento. (Jairo, 50 anos, morador e dono de loja do bairro)

Os moradores afirmaram que a relação dos usuários de crack entre si e com os próprios moradores é conflituosa, são ainda mais intimidadores quando estão sob o efeito da droga.

Não pode encarar eles muito, pois se eles cismarem com você, aí é perigoso. É um medo constante. É um desrespeito, com os mais velhos, usam drogas na sua porta, sempre tem cachimbo na porta de casa, prostituição. Eles pedem dinheiro, tentam vender mercadorias roubadas, se você não faz o que eles querem corre o risco de ser xingada, assaltada, ou até mesmo agredida como eu mesma já fui. (Tereza, 40 anos, moradora do bairro)

Os entrevistados relataram situações pelas quais passam cotidianamente com o aumento da desordem e da criminalidade no bairro, além das mudanças em seu cotidiano, como, por exemplo, a população idosa do bairro, que tem sua sociabilidade restringida.

As casas antigas que estão em mau estado de conservação foram apontadas como item negativo do bairro, principalmente aquelas abandonadas que têm a possibilidade de serem invadidas por usuários de drogas. Sobre os espaços públicos locais, foram uniformes as respostas dos entrevistados, pois são poucos os espaços públicos e os que existem são apropriados pelos “noiás”, o que implicou a perda de liberdade dos moradores para frequentar tais espaços. “Tem as praças, mas lá ‘noiado’ te rouba. Não tem jeito de ir nesses locais, ficam cheios de marginais, tem mau cheiro, os ‘noiados’ fazem necessidades lá, tem muita sujeira”. Outro ponto negativo do bairro apontado foi a sujeira presente em seu espaço.

Assim, a realidade observada das pessoas em situação de risco pessoal, social e em uso de substâncias psicoativas constitui-se como um problema para a cidade e que necessita de intervenção. Pois, como afirma Domanico (2006), esses são cidadãos que refletem o próprio funcionamento perverso da nossa sociedade, para os quais, entretanto, se fecham os olhos e toda e qualquer oportunidade, inclusive a maior de todas, a de ter acesso à saúde e à dignidade. Para o alcance de soluções para a questão dos usuários de drogas que vivem em contextos marginalizados da sociedade e para que seus direitos sejam garantidos, há que se analisar seu contexto e peculiaridades para que as intervenções não se tornem uma esfera da repressão, com ações higienizadoras que somente “escondam” a realidade em questão, que acabam compondo um processo de segregação ao expulsar tais indivíduos desses espaços sem oferecer-lhes tratamento adequado.

## Considerações finais

Os trabalhos de campo realizados no bairro Lagoinha na cidade de Belo Horizonte tiveram como objetivo a apreensão da realidade do lugar a partir das representações populares do local, que hoje apresenta mudanças em sua dimensão simbólica, com sua atual condição, de ter se tornado uma *cracolândia*. Com todas essas características, essa região se configura como área que requer atenção das autoridades.

Além das dificuldades ligadas à degradação em que se encontra, o bairro Lagoinha apresenta um desafio a mais, pela necessidade de políticas públicas para a complexa situação que denominamos de *cracolândia*. A expansão e o reconhecimento

da existência do fenômeno das *cracolândias* compõem um desafio para a saúde e segurança públicas, assim como para os planejadores urbanos.

A recuperação do Lagoinha como tradição, como história, como memória, como biografia e como patrimônio comum compartilhado pela população demanda uma proposta de intervenção consciente e conhecedora das suas atividades mais representativas, em benefício da sua comunidade e da sociedade em geral. Evidentemente tal questão se insere no âmbito da discussão dos conceitos de patrimônio histórico, memória social, preservação histórica e ambiental ou ainda da qualidade de vida dos seus habitantes (MACHADO; PEREIRA; 1991). O Lagoinha, apesar de suas características marcantes, vivencia um processo que requer cuidados. No atual contexto, “sua escritura sugere imagens desfocadas e, ao mesmo tempo, fortes sinais de que a vida prevalece” (LEMOS, 1996, p. 157).

A realidade observada das pessoas em situação de risco pessoal, social e em uso de substâncias psicoativas constitui-se como um problema para a cidade e que necessita de intervenção

## Referências

- ANDRADE, L. T. ; TEIXEIRA, A. E. A territorialidade da prostituição em Belo Horizonte. *Revista Cadernos Metrópole*, São Paulo, n. 11, 2004. Disponível em: <<http://www.cadernosmetropole.net/component/content/article/31/50-55>>. Acesso em: 13 jun. 2013.
- BARREIRA, I. A. F. Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. *Revista Análise Social*, Lisboa, v. XLII, p. 163-180, 2007. REVISTA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE LISBOA. Disponível em: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S000325732007000100008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S000325732007000100008&script=sci_arttext)> Acesso em : 13 jun. 2013.
- BRASIL já tem pelo menos 29 grandes cracolândias, dispersas por 17 capitais. *Jornal Estadão*, São Paulo, 10 dez. 2011. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,brasil-ja-tem-pelo-menos-29-grandes-cracolandias-dispersas-por-17-capitais,809340,0.htm>> Acesso em: 5 abr. 2012.
- CARNEIRO, L. P. *Políticas locais de segurança pública: o desafio do controle da desordem*. Disponível em: <<http://reap.org.br/wp-content/uploads/2012/03/027-Pol%C3%ADticas-Locais-de-Seguran%C3%A7a-P%C3%BAblica.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2013.



COMPLEXO da Lagoinha reúne usuários de drogas. *Portal Band Minas*, Belo Horizonte, 20 set. 2012. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/cidades/noticia/?id=10000534916>>. Acesso em: 30 set. 2012.

CONFEDERAÇÃO Nacional de Municípios. Mapeamento do Crack nos Municípios Brasileiros, 2010. Disponível em: <[http://portal.cnm.org.br/sites/9700/9797/Geografia/Atualizado\\_MapeamentodoCracknosmunicipiosbrasilv4.pdf](http://portal.cnm.org.br/sites/9700/9797/Geografia/Atualizado_MapeamentodoCracknosmunicipiosbrasilv4.pdf)>. Acesso em: 1º maio 2012.

CRACK no caminho da avenida. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 4 set. 2009. Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/cmlink/hoje-em-dia/minas/crack-no-caminho-da-avenida-1.9184>> Acesso em: 5 abr. 2012.

CRACKING BH: principais pontos do tráfico de crack na Lagoinha. *Jornalismo Online UniBh*, Belo Horizonte, 20 set. 2010. Disponível em: <<http://jolunibh.wordpress.com/2010/09/20/cracking-bh/>>. Acesso em: 5 abr. 2012.

DOMANICO, A. *Craqueiros e cracados: bem-vindo ao mundo dos nórias!*: Estudo sobre a implementação de estratégias de redução de danos para usuários de crack nos cinco projetos-piloto do Brasil. 2006. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

FELTRAN, G. *Fronteiras de tensão: um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. 2008. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FERNANDES, L.; PINTO, M. El espacio urbano como dispositivo de control social: territorios psicotrópicos y políticas de la ciudad. In: *USO DE DROGAS E DROGODEPENDÊNCIAS*, Monografias Humanitas, n. 5. Barcelona: Fundación Medicina y Humanidades Médicas, 2004.

FREIRE, C. M. P. *Cotidiano, memória e identidade: o bairro Lagoinha (Belo Horizonte, MG) na voz de seus moradores*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

FRÚGOLI JR., H.; SPAGGIARI, E. Da cracolândia aos nórias: percursos etnográficos no bairro da Luz. *Revista Ponto Urbe*, São Paulo, ano 4, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/118-da-cracolandia-aos-noias-percursos-etnograficos-no-bairro-da-luz>> Acesso em: 13 jun. 2013.

LAGOINHA: um bairro tomado pelo Crack. *Jornal da Alterosa*, Belo Horizonte, 20 set. 2011. Disponível em: <[http://www.alterosa.com.br/html/noticia\\_interna,id\\_sessao=7&id\\_noticia=61311/noticia\\_interna.shtml](http://www.alterosa.com.br/html/noticia_interna,id_sessao=7&id_noticia=61311/noticia_interna.shtml)> Acesso em: 5 abr. 2012.

LE MOS, C. B. A lagoinha e suas imagens: a refiguração do seu presente. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, n. 4, p. 121-160, 1996.

MACHADO, H. G.; PEREIRA M. L. D. A recuperação da Lagoinha dentro de uma nova concepção de política urbana. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 36-49, out. 1997.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços & trajetões. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 35, n. 1, p. 191-204, 1992.

- MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.
- MEDEIROS, R. Clínica e croni(cidade): impactos do uso/abuso de crack na configuração urbana e nos tratamentos da toxicomania. In: SAPORI, L. F.; MEDEIROS, R. (Org.). *Crack: um desafio social*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010.
- MORAES, F. B.; GOULART, M. G. As dinâmicas da reabilitação urbana: impactos do Projeto Lagoinha. *Cadernos de Arquitetura e Urbanismo*, Belo Horizonte, v. 9, n. 10, p. 51-71, 2002.
- PARK, R. E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, O. (Org.). *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- PORTAL do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas do Álcool e Outras Drogas. Disponível em <[http://www.inpad.org.br/index.php?option=com\\_content&view=frontpage&Itemid=1](http://www.inpad.org.br/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=1)>. Acesso em: 1º nov. 2012.
- RAUPP, L.; ADORNO, R. C. F. Circuitos de uso de crack na região central da cidade de São Paulo (SP, Brasil). *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 16, n. 5, p. 2613-2622, 2011.
- RUI, T. *Corpos abjetos: etnografia em cenários de uso e comércio de crack*. 2012. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- SAPORI, L. F.; SENA, L. L.; SILVA, B. F. A. Mercado do crack e violência urbana na cidade de Belo Horizonte. In: SAPORI, L. F.; MEDEIROS, R. *Crack: um desafio social*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2010.
- SILVA, S. L. *Mulheres da Luz: uma etnografia dos usos e preservação no uso de crack*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- TURNER, V. W. *O processo ritual*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- UCHÔA, M. A. *Crack: o caminho das pedras*. São Paulo: Ática, 1996.